



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UnICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

GABRIELLA FERREIRA QUARANTA

***BULLYING ENTRE MENINAS: DO DIAGNÓSTICO À INTERVENÇÃO
EM UMA ESCOLA DA CAPITAL DO BRASIL***

Trabalho de conclusão de curso apresentado em forma de artigo como requisito, do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) sob orientação da Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

BRASÍLIA-DF
2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tornar tudo isso possível e por abençoar o meu caminho durante todo o curso, sempre colocando esperança, amor e fé no meu coração.

À minha professora e orientadora, Julliane, a quem eu tanto admiro. Obrigada por todos os ensinamentos, incentivos e correções. Obrigada por compartilhar comigo a sua experiência e conhecimento. Por me impulsionar para a vida acadêmica. Você foi fundamental na minha formação e realização deste trabalho. Muito obrigada!

À minha família, em especial, minha mãe, Márcia, meus avós, Amélia e Armando, e meu tio Marcelo, por todo amor, incentivo e apoio. Obrigada por sempre acreditarem em mim e lutarem para me oferecer uma educação de qualidade.

Ao Bruno, por estar comigo em todos os momentos, sempre me ouvindo, ajudando e incentivando. Obrigada por ser tão atencioso. Agradeço o seu carinho, conselhos e cuidados.

Enfim, estendo esse agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa etapa tão importante na minha vida. Obrigada!

Bullying entre meninas: do diagnóstico à intervenção em uma escola da capital do Brasil

Gabriella Ferreira Quaranta¹
Julliane Messias Cordeiro Sampaio²

RESUMO

O *bullying* é um problema de saúde pública, que afeta a escolaridade e a qualidade de vida dos estudantes envolvidos. O objetivo desta pesquisa foi compreender e comparar os resultados de uma intervenção realizada com professores em uma escola da capital do Brasil, a partir da perspectiva das meninas vítimas de *bullying*. Trata-se de um quase-experimento (antes e depois). Neste estudo, observou-se predomínio de meninas com idades de 11 e 14 anos (63,11%), sendo a maior parte, do 6º ano (36,73%) e 8º ano (30,14%). Notou-se que maior parte das agressões estão ligadas a “fofoca” (26,73%) e utilização de apelidos (20,79%). Assim, observa-se a necessidade de esta temática ser abordada pelo corpo docente, pois, muitas vezes, a violência entre meninas é consensualmente aceita e naturalizada por pais e professores, tratada apenas como “coisa de menina” ou “questões da idade”.

Palavras-Chave: *Bullying*. Gênero. Intervenção.

Bullying among girls: from diagnosis to intervention in a school in the capital of Brazil

ABSTRACT

Bullying is a public health problem that affects the education and quality of life of the students involved. The objective of this research was to understand and compare the results of an intervention carried out with teachers at a school in the capital of Brazil, from the perspective of girls who are victims of bullying. It is a quasi-experiment (before and after). In this study, there was a predominance of girls aged 11 and 14 years (63.11%), being the majority in the 6th year (36.73%) and in the 8th year (30.14%). It was noted that most aggressions are linked to “gossip” (26.73%) and use of nicknames (20.79%). Thus, there is a need for this theme to be addressed by the teaching staff, as violence between girls is often accepted and naturalized by parents and teachers, treated only as “girl stuff” or “age issues”.

Keywords: Bullying. Gender. Intervention.

¹Estudante do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB

² Professora Titular do Curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB

1 INTRODUÇÃO

O termo *bullying*, de origem inglesa, remete a um fenômeno multifacetado caracterizado por comportamento agressivo intencional, repetitivo e por período prolongado. Tal comportamento, pode ser vivenciado de forma direta (quando as agressões são aplicadas à vítima, em sua presença) ou indireta (quando ocorrem na ausência da vítima, como espalhar fofocas, estragar pertences etc.) (SILVA et al., 2014).

Além disso, o *bullying* pode ser classificado em atitudes de violência física, tais como empurrões, chutes e socos. Violência verbal, por exemplo, xingamentos, insultos, fofocas, apelidos, piadas, entre outros. E psicológica como, ameaças, chantagens e humilhações. E, atualmente, observa-se também atos violentos difundidos por meio da internet, com o objetivo de expor e humilhar o par por meio de mensagens e postagens caluniosas ou difamatórias, caracterizando o *cyberbullying* (MARCOLINO et al., 2018).

Esta não é uma prática nova (OLWEUS, 2011), é causada por uma instabilidade de poder entre vítimas e agressores, que na maioria das vezes, ocorre entre uma pessoa ou grupo mais forte, os quais escolhem preferencialmente, vítimas com qualidades físicas, étnicas, socioeconômicas e inclinação sexual intrínsecas, geralmente, da mesma faixa etária (ROMANÍ; GUTIÉRREZ; LAMA, 2011).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o *bullying* é um problema generalizado a nível mundial. Em âmbito internacional, as taxas de ocorrência variam de 7% a 43% para vítimas e de 5% a 44% para os agressores, apresentando média geral de 26%. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada com alunos do ensino fundamental de escolas públicas e privadas, em 2015, a média de ocorrência é de 28% (SILVA et al., 2018). Ainda sobre a prevalência do *bullying* no Brasil, pesquisas da ONU (2019) apontam que um em cada três estudantes já foi intimidado na escola pelo menos uma vez, e o Brasil está entre os 30 países onde um terço dos estudantes já sofreram *bullying* online.

Sendo considerado um problema de saúde pública a nível mundial, o *bullying*, por ser de difícil identificação pela equipe educacional, pode acontecer por longos períodos, trazendo consequências negativas, assim, afetando a escolaridade e a qualidade de vida dos estudantes envolvidos (SILVA et al., 2018).

Com relação às vítimas e testemunhas, a literatura aponta que estas, podem desenvolver problemas graves, de cunho social, comportamental e emocional, acompanhado de sentimentos de medo, ansiedade, angústia, insegurança, baixa autoestima, quadros depressivos, pensamentos negativistas e em situações mais severas, o suicídio (ESTEVE; ARRUDA, 2014).

Os agressores por sua vez, tendem a apresentar comportamentos violentos e impulsivos, podendo se envolver em situações de violência doméstica, vandalismo, práticas infracionais e abuso de substâncias psicoativas. Observou-se que tais comportamentos, na maioria dos casos podem ser reflexos de problemas familiares, maus tratos ou carência de relações afetivas no âmbito familiar (SILVA; OLIVEIRA; SILVA, 2015; SAMPAIO et al., 2015).

Quanto ao gênero, observou-se que o *bullying* na forma direta, ou seja, a violência por meio de agressões físicas e verbais, estão mais relacionadas aos meninos. Enquanto a forma indireta, descrita como agressão relacional, envolvem mais as meninas do que os meninos (MELLO et al., 2017; MIRANDA; MAIA, 2017). Este tipo de agressão compreende práticas como fofocas, difamação, xingamentos e exclusão social fundamentadas no dano à reputação de outra pessoa, além disso, afetam o relacionamento social da vítima com seus colegas (BERGER, 2007).

Levando em consideração que a fase da adolescência é marcada pela intensa construção da identidade de gênero e da iniciação da vida sexual, várias destas agressões, estão associadas às relações de gênero que colocam em prática a forma como os estudantes devem desempenhar a sua feminilidade ou masculinidade perante a sociedade, reforçando assim, a atuação do *bullying* como uma prática e um processo de gênero (MILLER, 2016).

Segundo Sampaio et al. (2015), o *bullying* entre meninas, em sua maioria se direciona a características pessoais ou a outras situações relacionadas à condição de feminilidade, como por exemplo o uso de maquiagem. Isso também se explica devido às meninas serem estimuladas a se comportarem de forma delicada, investindo em uma feminilidade que enfatiza a fragilidade, e por isso, muitas vezes, as meninas sofrem *bullying* ou outras formas de violência por serem vistas como frágeis e incapazes de se defenderem (BABIUK; FACHINI; SANTOS, 2013).

Considerando a escola como uma instituição social e espaço de diversidade cultural, torna-se fundamental a discussão e capacitação de temas relevantes como o gênero e a violência. É de suma importância compreender o porquê desse tipo de violência, para a implantação de medidas de conscientização, prevenção, combate às práticas violentas e também, a capacitação de docentes e equipes pedagógicas, bem como pais e responsáveis de vítimas e agressores, como é previsto na Lei nº 13.663/2018 conhecida como a “lei do *bullying*” (BRASIL, 2018).

Diante do contexto supracitado, esse trabalho se justifica por sua magnitude, tornando-se fundamental compreender o fenômeno e, isso exige dos setores saúde e educação ações que permitam o enfrentamento das violência no espaço escolar envolvendo vítimas, agressores (TOGNETTA, 2013) assim como, os espectadores pois, de acordo com Salomão, Xavier e Sampaio (2018), podem ser coniventes ou até mesmo incentivadoras das práticas violentas e,

se bem orientadas, por meio de estratégias de redução do *bullying*, se tornam aliadas aos adultos responsáveis, através de informação relevantes das práticas violentas às quais colegas estão sendo submetidos.

Nesse sentido, o enfermeiro pode atuar, juntamente com a equipe pedagógica na promoção de processos de autonomia, saúde e convívio com as diferenças, podendo identificar sinais de risco, comportamentos e modalidades de envolvimento de alunos em situações de *bullying*, prevenindo os efeitos deste fenômeno e promovendo melhor qualidade de vida aos envolvidos, assim, o objetivo desse trabalho é descrever a vivência de meninas vítimas de *bullying*.

2 MÉTODO

Trata-se de um quase-experimento (antes e depois), que utilizou como instrumento da coleta de dados um questionário avaliado e aprovado para identificação da dinâmica do *bullying* no espaço escolar (SAMPAIO; et al., 2015). O questionário foi aplicado anteriormente para o diagnóstico de *bullying* e posteriormente, aplicado no mesmo grupo de estudantes com o intuito de avaliar os impactos de uma intervenção com professores da escola.

O questionário é autoaplicável, demanda, em torno de 12 minutos para ser respondido, e pode ser aplicado na própria sala de aula pelo professor com os estudantes presentes.

Neste estudo, os dados foram provenientes do banco de dados da Professora orientadora Julliane Messias Cordeiro Sampaio de uma pesquisa realizada anteriormente, intitulada “*Bullying*: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública do Distrito Federal”, que avaliou os efeitos de uma intervenção com professores, feita através da realização de oficinas e encontros de sensibilização acerca da temática *bullying* em uma determinada região do Distrito Federal.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, sob CAAE nº 03635218.9.0000.0023, e aprovação sob parecer de número 3.104.552 em 29/12/2018, respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da capital brasileira durante o período de um ano com 148 alunos do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano. Assim, considerou-se como critérios de inclusão: estar presente no dia em que foram realizadas a aplicação do questionário, estudantes devidamente matriculados e que estivessem frequentando assiduamente as aulas. Os critérios de exclusão utilizados foram: estar ausente no dia em que for aplicado o questionário

e questionários respondidos parcialmente, deixados em branco ou com qualquer incoerência nas respostas.

Aos alunos menores de 18 anos, solicitou-se o consentimento de seus pais ou responsáveis legais por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA) mediante assinatura.

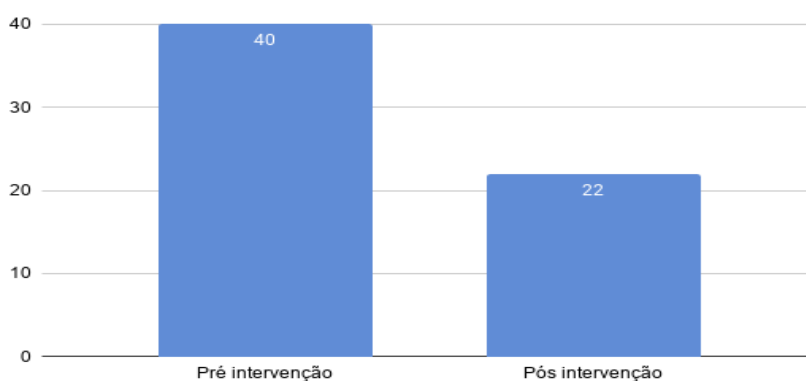
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Troop-Gordon e Ladd (2015), os professores encontram-se mais próximos dos estudantes em razão do tempo em sala de aula, sendo assim, são eles quem estão em posição privilegiada na identificação e mediação de conflitos e situações de violência que possam ocorrer, podem intervir e promover relações interpessoais positivas no âmbito escolar.

Nesse sentido, envolver o corpo docente na capacitação e ações de enfrentamento e redução do *bullying* torna-se fundamental para a diminuição desta prática violenta no espaço escolar e aumento da qualidade de vida dos estudantes envolvidos. Sendo assim, segundo Sampaio (2015), esta temática deve ser dialogada na escola, o professor deve estar capacitado e habilitado para identificar e mediar situações violentas, para que possam atuar de forma eficiente frente aos casos de *bullying*.

Levando em consideração o contexto supracitado, após a compilação dos dados para o diagnóstico de *bullying* em uma determinada escola da capital federal, avaliou-se os impactos de uma intervenção realizada com professores na mesma escola na perspectiva de vítimas do sexo feminino, baseando-se nas respostas das estudantes, respeitando um tempo entre a intervenção realizada e a reaplicação do questionário, como mostra os resultados encontrados na Figura 1.

Figura 1 - Comparação da prevalência de vítimas do sexo feminino em momentos de pré e pós intervenção.



Na tabela 1, são representadas as características socioeconômicas das alunas participantes da pesquisa durante a pré e pós intervenção com professores. Evidenciou-se maior parte ser do 6º ano na pré intervenção (36,73%) e na pós intervenção, maior parte do 8º ano (30,14%). Quanto à idade, observou-se predomínio de meninas com 11 anos e 14 anos (63,11%). A maioria declarou não ter reprovado. E, por fim, quanto à cor/raça, a maioria referiu ser de cor parda.

Tabela 1 - Caracterização dos estudantes agressores, segundo ano escolar, sexo, idade, reprovação e cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Variáveis	Pré intervenção (n=98)		Pós intervenção (n=73)	
	N	%	N	%
Ano Escolar				
6º	36	36,73	18	24,66
7º	30	30,61	15	20,55
8º	21	21,43	22	30,14
9º	11	11,22	18	24,66
Idade				
10	7	7,14	1	1,37
11	35	35,71	17	23,29
12	27	27,55	15	20,55
13	15	15,31	18	24,66
14	11	11,22	20	27,40
15	3	3,06	1	1,37
16	0	0,00	1	1,37
Reprovação				
Nunca reprovei	88	89,80	66	90,41
Reprovei	10	10,20	7	9,59
Cor				
Não respondeu	1	1,01	1	1,37
Branca	24	24,24	17	23,29
Preta	7	7,07	4	5,48
Parda	58	58,59	49	67,12
Amarela	4	4,04	1	1,37
Indígena	5	5,05	1	1,37

Fonte: elaborada pela própria autora.

A tabela 2, apresenta as respostas das estudantes referente ao local onde ocorreram as agressões, observa-se que o local mais apontado pelas estudantes se trata da sala de aula, 28,57% antes e 32,61% após intervenção com professores, respectivamente. Estes dados corroboram com as pesquisas nacionais e internacionais em que também apontam a sala de aula

como o local de maior prevalência das práticas de *bullying* (LAMAS; FREITAS; BARBOSA, 2013; SAMPAIO, 2015; SALMIVALLI, 2014). Esta situação, aponta a necessidade de tornar a sala de aula, em um local com maior supervisão, em especial, no momento que ocorre a troca de professores e, por poucos minutos, os estudantes permanecem sozinhos.

A violência na sala de aula tem sido objeto de investigação em estudos nacionais e internacionais (ALLEN, 2010; FIGUEIREDO et al., 2013) e, as intervenções devem contemplar esse espaço e assegurar que o ambiente de aprendizagem permaneça com essa finalidade. Para tanto, a fim de diminuir a incidência e frequência desse tipo de situação, além da realização do diagnóstico do *bullying* na turma, os profissionais que se propuserem a implementar programas de intervenção, devem incluir o ambiente escolar e o contexto comunitário, pois, são as métricas que precisam ser dialogadas a fim de que galgue a sensibilização e autorreflexão sobre as situações de conflito por parte de toda comunidade escolar.

Levando em consideração que, o espaço onde as relações em conjunto com o professor acontecem, Medeiros e Amarilha (2018), apontam para a necessidade de suscitar formas de promover a discussão sobre a temática afim de que os docentes tenham o conhecimento sobre esta prática de violência e saibam como trabalhá-la dentro da sala de aula com os estudantes, permitindo assim, a reflexão e compreensão a respeito dos malefícios dessa forma de socialização.

Tabela 2 – Local de ocorrência do *bullying*, segundo vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2020.

Variáveis	Pré intervenção (n=40)		Pós intervenção (n=22)	
	N	%	N	%
Em que lugar isso acontece ou aconteceu?				
Sala de aula	20	28,57	15	32,61
Recreio	19	27,14	10	21,74
Banheiro	2	2,86	1	2,17
Porta da escola	6	8,57	5	10,87
Corredor da escola	12	17,14	7	15,22
Refeitório	2	2,86	2	4,35
Caminho de casa	3	4,29	3	6,52
Outro lugar	6	8,57	3	6,52

Fonte: elaborada pela própria autora.

Quando perguntadas sobre que o tipo de agressão essa vítima fora submetida, evidenciou-se que maior parte das respostas estão ligadas a “fofoca”, sendo 26,73% e 24% seguido de “me

puseram apelidos” com 20,79% e 18,67% (tabela 3).

Estes resultados ratificam com pesquisas desenvolvidas por Mello et al. (2017), Miranda e Maia (2017), onde se comprova que as meninas estão mais envolvidas na forma de *bullying* “indireta”, que são feitas na ausência da vítima. Enquanto os meninos apresentam maior relação com a forma de *bullying* caracterizada como “direta”, envolvendo agressões físicas, por exemplo. Esse tipo de violência, mais comum entre as meninas, Santos et al. (2014) denominam de verbais os insultos, as provocações, a exposição às situações vexatórias e, as relacionais, manifestadas por meio da propagação de rumores, na exclusão social.

Em contrapartida, Sampaio (2015) e Oliveira-Menegotto, Pasini, Levandowski (2013) concluíram que, tanto meninas quanto meninos podem utilizar as mesmas formas de agressão e que a manifestação das violências estão atreladas à cada etapa do desenvolvimento, podendo depender da idade, e o tipo de *bullying* praticado, pode ser cada vez mais perigoso se não forem utilizadas ferramentas de intervenção a fim de romper com o ciclo da violência.

Tabela 3 – Tipo de agressão sofrida, segundo vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2020.

Variáveis	Pré intervenção (n=40)		Pós intervenção (n=22)	
	N	%	N	%
O que fizeram com você?				
Me bateram, me deram murros ou pontapés.	3	2,97	3	4,00
Me puseram apelidos.	21	20,79	14	18,67
Ficaram zoando de mim.	19	18,81	13	17,33
Falaram coisas de mim, fazendo fofoca.	27	26,73	18	24,00
Pegaram alguma coisa minha sem permissão.	6	5,94	8	10,67
Fizeram Cyberbullying.	8	7,92	3	4,00
Me puseram medo.	4	3,96	4	5,33
Me isolaram ou me deixaram sozinho.	10	9,90	8	10,67
Me humilharam/xingaram por causa da cor da minha pele.	3	2,97	4	5,33

Fonte: elaborada pela própria autora.

As ações de *bullying* cometidas pelas meninas, também chamadas de “relacional”, em sua maioria, possuem o objetivo de ferir e excluir pares. Trata-se de um comportamento direcionado para danificar a autoestima ou o status social da vítima, através de uma manipulação social que se dá por meios indiretos e encobertos. Nesse contexto, este tipo de violência caracteriza as reivindicações de poder e status no âmbito do processo de construção da identidade de gênero (JESUS, 2017; MELLO, et al., 2017).

Segundo Miranda e Maia (2017), as principais questões consideradas produtoras de

conflitos entre meninas envolvem concorrência (disputa), regulação do grupo e questões de proteção de amizade, que estão ligadas a sentimentos de lealdade e reciprocidade. Esta disputa, estabelecida pelo empenho da popularidade, está associada ao êxito na apresentação das características de feminilidade e à importância de possuir uma feminilidade aceita e desejável, que é imposta pela sociedade. Portanto, são delimitados critérios de sexualidade, aparência e comportamento das meninas para inclusão ou exclusão social (GUIMARÃES; CABRAL, 2019).

Nesse sentido, algumas autoras apontam para a discussão acerca da imagem de “menina má”, que também é imposta à personalidade da mulher, colocando a violência como instrumento de afirmação de uma mulher considerada “evoluída”, e agregando características de um comportamento agressivo como forma de demonstrar poder, indo contra algumas expectativas culturais que envolvem qualidades idealizadas da feminilidade, como, por exemplo, ser carinhosa, atenciosa e respeitável (GUIMARÃES; CABRAL, 2019; JESUS, 2017).

Muitas vezes, a fofoca, a exclusão social e outros tipos de violência são consensualmente aceitas e naturalizadas por pais e professores. Além disso, podem até ser consideradas como “coisa de menina” ou “questões da idade”, e, por ser um tipo de violência sutil, pode não ser percebida ou considerada como de consequências irrelevantes (JESUS, 2017).

Embora os resultados desta intervenção não tenham apresentado evidência de diferença estatística, houve alteração para a redução da prevalência de vítimas de *bullying* e para o local onde, a maioria dessas agressões eram sofridas, mostrando que houve efetividade na intervenção realizada com professores. Por esta razão, ressalta-se a importância de valorizar e incentivar o diagnóstico de *bullying* nas escolas, bem como a realização de intervenções e o reconhecimento do espaço escolar, visto que esta, é uma ferramenta crucial para fomentar e construir estratégias para a redução das práticas de *bullying*.

4 CONCLUSÃO

Diante dos resultados apresentados na pesquisa, fica evidenciado que a temática *bullying* deve ser dialogada e elucidada na escola afim de capacitar o professor para identificar e mediar situações de violência e conflitos entre pares, visto que este profissional está mais próximo dos estudantes na sala de aula.

Nesse sentido, o reconhecimento acerca das práticas de *bullying* torna-se uma ferramenta eficaz para o planejamento e execução das atividades com os estudantes, pois este assunto deve

ser trabalhado na escola para que os estudantes envolvidos, bem como, agressores, vítimas e testemunhas reflitam os malefícios desta forma de socialização e, conseqüentemente melhore suas relações e a qualidade de vida no âmbito escolar.

Dessa maneira, reconhecendo o *bullying* como um problema de saúde pública, a contribuição da enfermagem torna-se fundamental no trabalho multiprofissional com ênfase na capacitação dos professores no processo de sensibilização dos docentes para a questão, para melhor mediação dos conflitos e, conseqüentemente, para a quebra do ciclo deste tipo de violência no âmbito escolar.

Cabe salientar que o processo de intervenção é contínuo e deve estar sempre sendo reavaliado pelos agentes institucionais. Além disso, é de suma importância, o envolvimento da família em todo esse processo, destacando a necessidade de não aceitar ou naturalizar qualquer forma de violência.

Tendo em vista as graves conseqüências que o *bullying* pode trazer para os estudantes envolvidos, afetando as relações no espaço escolar e sendo considerado um importante problema de saúde pública, a discussão sobre a violência de gênero deste estudo, reforça a necessidade da implementação de práticas educativas que desconstruam, ainda na escola, a naturalidade das ações e discursos de intimidação entre meninas.

REFERÊNCIAS

ALLEN, K. P. A bullying intervention system: Reducing risk and creating support for aggressive students. **Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth**, v. 54, n. 3, p. 199-209, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10459880903496289>. Acesso em: 23 maio 2020.

BABIUK, G. A.; FACHINI, F. G.; SANTOS, G. N. **Violência de gênero nas escolas: implicações e estratégias de enfrentamento**. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/9780_6604.pdf. Acesso em: 09 julho 2020.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental review**, v. 27, n. 1, p. 90-126, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027322970600061X>. Acesso em: 09 julho 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Formas de combate a atos de intimidação**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso em: 23 maio 2020.

DE MEDEIROS, L. C. C. L.; AMARILHA, M. A LEITURA DE LITERATURA PARA O ENFRENTAMENTO DO BULLYING NA SALA DE AULA. **Linha Mestra**, n. 36, p. 681-

685, 2018. Disponível em: <http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/201/211>. Acesso em: 10 abril 2020.

DE OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A.I.; LEVANDOWSKI, G. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 2, p. 203-215, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193828216016.pdf>. Acesso em: 03 julho 2020.

ESTEVE, C. E.A.; ARRUDA, A. L. M. M. Bullying: Quando a brincadeira fica seria, causas e consequências. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 5, p.1-36, 2014. Anual. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193828216016.pdf>. Acesso em: 03 julho 2020.

FIGUEIREDO, R. et al. Adoção de orientações visando à prevenção da violência contra escolares: uma ação conjunta entre a saúde e a educação. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso)**, v. 14, n. 3, p. 335-343, 2013. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122013000400012&lng=e&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 09 julho 2020.

GUIMARÃES, J.; CABRAL, C.S. Bullying entre meninas: tramas relacionais da construção de identidades de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 160-179, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v49n171/1980-5314-cp-49-171-160.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 – PENSE**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 08 abril 2020.

JESUS, J.S. G. **Bullying como forma de sociabilidade juvenil: um estudo sobre práticas interacionais entre meninas na construção de identidades de gênero**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-18042017-094354/en.php>. Acesso em: 15 abril 2020.

LAMAS, K.C.A.; FREITAS, E.R.; BARBOSA, A.J.G. *Bullying* e Relação Professor-Aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, n. 2, pp. 263-272, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631468>. Acesso em: 03 maio 2020.

MARCOLINO, E. C.; CAVALCANTI, A. E.; PADILHA, W. W. N.; MIRANDA, F. A. N.; CLEMENTINO, F. S. Bullying: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 1-10, Mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v27n1/0104-0707-tce-27-01-e5500016.pdf>. Acesso em: 10 abril 2020.

MELLO, F. C. et al. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2939-2948, set 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n9/2939-2948/pt/>. Acesso em: 20 maio 2020.

MILLER, S. A. "How You Bully a Girl" Sexual Drama and the Negotiation of Gendered Sexuality in High School. **Gender & Society**, v. 30, n. 5, p. 721-744, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243216664723>. Acesso em: 20 maio 2020.

MIRANDA, A. P; MAIA, B. Olhares, xingamentos e agressões físicas: a presença e a (in)visibilidade de conflitos referentes às relações de gênero em escolas públicas do Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 177-202, set./dez. 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/1749>. Acesso em: 26 maio 2020.

OLWEUS, D. Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish community samples of males. **Criminal behaviour and mental health**, v. 21, n. 2, p. 151-156, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cbm.806>. Acesso em: 18 abril 2020.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Pesquisa Nacional da UNESCO. **Cultura e Educação**. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1656412>. Acesso em: 13 abril 2020.

ROMANÍ, F., GUTIÉRREZ, C., LAMA, M. Auto-reporte de agresividad escolar y factores asociados en escolares peruanos de educación secundaria. **Revista Peruana de Epidemiología**, v. 15, n. 2, p. 1-8, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2031/203122516009.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

SALMIVALLI C. PARTICIPANT Roles in Bullying: How Can Peer Bystanders Be Utilized in Interventions? **Theory Into Practice**, v. 53 n.4 p.286-292, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00405841.2014.947222>. Acesso em: 26 maio 2020.

SALOMÃO, A. C. M; XAVIER, J. A. **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira**. 2018. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/pic/article/view/5823>. Acesso em: 26 maio 2020.

SAMPAIO, J. M. C et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v24n2/pt_0104-0707-tce-24-02-00344.pdf. Acesso em: 22 abril 2020.

SANTOS, J. A.; XAVIER, A. C.; PAIVA, S. M. Prevalência em tipos de bullying em escolares de 13 a 17 anos. **Revista Salud**, v. 16, n. 2, p. 173-183, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsap/2014.v16n2/173-183/>. Acesso em: 03 julho 2020.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I. Estudo Exploratório Sobre as Concepções e Estratégias de Intervenção de Professores em Face do Bullying Escolar. **Revista Psicologia:teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 3, p.189-199, 2015. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/40210>. Acesso em: 25 maio 2020.

SILVA, J. L et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 3, p. 1085-1091, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n3/pt_0034-7167-reben-71-03-1085.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.

SILVA, M. A. I.; SILVA, J. L.; PEREIRA, B. O.; OLIVEIRA, W. A.; MEDEIROS, M. O. Olhar de Professores Sobre o Bullying e Implicações Para a Atuação da Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 723-730, Ago. 2014. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n4/pt_0080-6234-reeusp-48-04-723.pdf. Acesso em: 15 abril 2020.

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P.; Bullying: Dimensões Psicológicas no Desenvolvimento Moral. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, Set./Dez. 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2736>. Acesso em: 01 junho 2020.

TROOP-GORDON, W.; LADD, G. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: associations with students' aggressive behavior and peer victimization. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 43, n.1, p. 45-60, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10802-013-9840-y>. Acesso em: 27 maio 2020.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAR O BANCO DE DADOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES

CURSO DE ENFERMAGEM

CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF

CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 15 de maio de 2020

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicito a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **“Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública do Distrito Federal”** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de bacharelado em Enfermagem intitulado **“Bullying entre meninas: do diagnóstico à intervenção em uma escola da capital do Brasil”** da bacharel Gabriella Ferreira Quaranta, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,

Gabriella Ferreira Quaranta

Eu Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade

Julliane Messias Cordeiro Sampaio

**APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E
CONFIDENCIALIDADE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 15 de maio de 2020

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Eu, Gabriella Ferreira Quaranta, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumo a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada **“Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública do Distrito Federal”** desenvolvida pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente

Gabriella Ferreira Quaranta